

Seção Estudos

RICARDO REIS E A EPISTEMOLOGIA DO DESASSOSSEGO E O IMAGINÁRIO RELIGIOSO

RICARDO REIS: THE EPISTEMOLOGY OF UNREST AND RELIGIOUS IMAGINARY

Anaxsuell Fernando da Silva⁴

RESUMO

Ricardo Reis foi poeta e médico. Dele não dispomos nada mais além de algumas composições isoladas disponíveis a partir da obra do seu criador, o poeta português Fernando Pessoa (1888 - 1935). O heterônimo em foco é considerado um dos mais intrigantes entre todas as outras pessoas do Pessoa. Neste trabalho, fruto de pesquisa para dissertação de mestrado, pretendemos, utilizando o método de leitura de imagens proposto por Bachelard, evidenciar o pensamento religioso do mesmo e a sua compreensão epistemológica. Assim discutiremos, a partir de várias imagens poéticas suscitadas a partir da sua obra, a construção do conhecimento e como este se articula com outras formas de saber. E é este não contentamento com as explicações científicas que chamamos de pensamento desassossegado.

Palavras-Chave: Fernando Pessoa; Ricardo Reis; Imaginário Poético; Epistemologia; Sociologia da Literatura.

INTRODUÇÃO

Tudo é tudo, e mais alto estão os deuses,
Não pertence à ciência conhecê-los,
Mas adorar devemos
Seus vultos como as flores
Ricardo Reis

Este trabalho, fruto de pesquisa para dissertação de mestrado, pretendemos, utilizando o método de leitura de imagens proposto por

4 Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Mestre em Ciências Sociais pela UFRN.

e-mail: anaxsfernando@yahoo.com.br

Bachelard, evidenciar o pensamento religioso do mesmo e a sua compreensão epistemológica. Assim discutiremos, a partir de várias imagens poéticas suscitadas a partir da sua obra, a construção do conhecimento e como este se articula com outras formas de saber. E é este não contentamento com as explicações científicas que chamamos de pensamento desassossegado.

Ricardo Reis foi poeta e médico. Dele não dispomos nada mais além de algumas composições isoladas disponíveis a partir da obra do seu criador, o poeta português Fernando Pessoa (1888 - 1935). O heterônimo em foco é considerado um dos mais intrigantes entre todas as outras pessoas do Pessoa. E, como enfoca os versos da epígrafe “não pertence à ciência conhecê-los,” assim, devemos aqui apenas evidenciá-lo.

DESENVOLVIMENTO

Expatriado voluntariamente devido às suas ideias monárquicas, desde 1919, após o advento da Primeira República, Ricardo Reis viveu em terras brasileiras até a sua morte, em 30 de novembro de 1935. Nasceu em Lisboa⁵ em 19 de setembro de 1887, às 16 horas e 05 minutos e fora educado num colégio de jesuítas. Segundo Fernando Pessoa, foi “um latinista por educação alheia e um semi-helenista por educação própria” (PESSOA, 2006b). Apesar de ser médico não se serviu, pelo menos que conste, da sua profissão para sobreviver.

Assemelhava-se fisicamente ao Pessoa. Era moreno, de estatura média, andava meio curvado; além de ser magro, tinha aparência de judeu português⁶ tanto no pensamento quanto na maneira de ser.

Curiosamente, Reis surge antes da sua produção poética. De acordo com Fernando Pessoa,

o Dr. Ricardo Reis nasceu dentro da minha alma no dia 29 de janeiro de 1914, pelas 11 horas da noite. Eu estivera ouvindo no dia anterior uma discussão extensa sobre os excessos, especialmente de

5 Em carta a Adolfo Casais Monteiro, datada de 13 de janeiro de 1935, Pessoa altera o local do nascimento de Ricardo Reis para o Porto. Lisboa fora o local escolhido anteriormente no mapa astral do médico.

6 Fernando Pessoa tinha ascendência Israelita.

realização, da arte moderna. Segundo o meu processo de sentir as cousas sem as sentir, fui-me deixando ir na onda dessa reacção momentânea. Quando reparei em que estava pensando, vi que tinha erguido uma teoria neoclássica, que se ia desenvolvendo. (PESSOA, 1966, p. 385).

Em carta ao amigo Casais Monteiro modifica a data do seu surgimento, afirmando que Reis emergira-se no seu espírito em 1912. Pessoa considera que esta *persona* foi o primeiro a se lhe revelar, ainda que não tenha sido o primeiro a iniciar sua atividade literária. Reis permanecerá latente até março de 1914, quando iniciará sua produção poética

Já que a tentação ao biografismo é inescapável, fizemo-lo tendo por fonte a ficha biográfica escrita pelo próprio Pessoa e por informações que este pôs em algumas correspondências para outros. Vale lembrar que Fernando Pessoa “inventou a biografia para as obras e não as obras para as biografias;” como, com argúcia observou Adolfo Casais Monteiro. E, pelo sublinhar de Octávio Paz (ao estabelecer confronto com Antônio Machado), essa é uma diferença capital.

Materialista, pertence a uma vertente cultural completamente distinta da de Caeiro e de Campos: com o neopaganismo culto e requintado e o classicismo abstrato e distante apaixonou certos naturalistas e cientistas anglo-saxônicos do fim do século. Não por acaso, Ricardo Reis travou com Campos uma polêmica bastante acesa sobre a arte e assinou uma apreciação bastante redutora dos poemas de Caeiro.

Reis tenta realizar o objetivismo pregado por seu mestre, Caeiro. E, tenta fazê-lo não pelo viés da imediatidade sensorial, asséptico de intromissões subjetivas, mas pelo caminho da submissão dos sentimentos e sensações à racionalidade dos cânones consagrados pela poesia da Antiguidade greco-romana. Fernando Pessoa, o crítico literário, comentou as diferenças entre as concepções de Reis e Caeiro, citando:

Caeiro tem uma disciplina: as coisas devem ser sentidas tais como são. Ricardo Reis tem outra disciplina diferente: as coisas devem ser sentidas, não só como são, mas também de modo a integrarem-se

num certo ideal de medida e regras clássicas. (PESSOA, 1966, p. 350).

Atenção, não se trata simplesmente de uma tácita admissão da racionalidade do Classicismo grego, adotando seu modelo constitutivo como um conjunto de normas impostas de maneira exógena. Mas, por sua vez, de uma verdadeira interiorização dos seus valores, da introjeção disciplinar.

Heráclito de Éfeso, o grande pensador pré-socrático, para quem a ordem do universo suporia um fluxo constante e ao mesmo tempo o eterno retorno das coisas de maneira cíclica: “Dispersa-se e reúne-se de novo; aproxima-se e se aparta”⁷; “É sempre uma só e mesma coisa a vida e a morte, o despertar e o dormir, a mocidade e a velhice. Quando se muda é aquilo; e aquilo, por sua vez, quando se muda, é isto de novo.”⁸. Parece influenciar o poeta das odes corroborando a sua ideia de repetição cíclica, de eterno retorno das mesmas coisas, tal como exposto nestes versos:

No ciclo eterno das mudáveis coisas
 Novo inverno após o novo outono volve
 À diferente terra
 Com a mesma maneira.
 Porém a mim nem me acha diferente
 Nem diferente deixa-me, fechado
 Na clausura maligna
 Da índole indecisa.
 Presa da pálida fatalidade
 De não mudar-me, me infiel renovo
 Aos propósitos mudos
 Morituros e infindos.
 (.....)

A imagem, tanto sonora quanto visual, criada metricamente tendo por base o modelo das odes horácianas, já é *per si* uma sugestiva ideia de repetição cíclica, de eterno retorno, especialmente nos quatro primeiros versos, além da explícita referência ao “ciclo eterno das mudáveis coisas”, lembra, guardadas as singularidades, o filósofo pré-socrático.

Reis parece cristalizar o seu mundo asséptico e suspenso nas

7 Heráclito. Fragmento 91.

8 Heráclito. Fragmento 88.

estruturas geométricas das *Odes* horacianas, baseadas nas sílabas longas e breves, adaptadas aos parâmetros métricos e rítmicos da língua portuguesa, bastante diferenciados do latim clássico. Marca estilística de uma ordem que o médico exilado construiu artificialmente. Poeta culto e humanista, racional, harmonioso, objetivo, disciplinado e helênico, entendia a cultura grega como base cultural da nossa civilização.

De acordo com Lucila Nogueira (2003), foi por volta de 1800 que se declarou “clássica” a Antiguidade greco-romana. Contudo, “clássica” também refere-se ao modelo. Deste modo, justifica-se o fato de o orgulho do clássico ser a conformidade com o modelo, que para os que o imitavam, era fator de enobrecimento da poesia. Portanto, dois são seus postulados: a imitação da natureza e a imitação dos antigos.

No século XVIII, o neoclassicismo volta a viver a estética do Renascimento, de modo mais preciso na Itália, com a fundação da Arcádia – Academia Literária, cujo programa era combater o mau gosto na arte. Retornam aos modelos poéticos da Antiguidade clássica, através da imitação direta dos clássicos latinos: Horácio, Virgílio, Ovídio, bem como dos gregos: Anacreonte, Píndaro, Teócrito. Reis é a *persona* que encarna, no contexto da poesia de Pessoa, uma (re)experimentação de pensamento e da prática estética/poética da Antiguidade greco-latina.

Costumeiramente, Reis é aproximado de Epicuro. Certamente isso se deve em boa medida ao fato de o poeta invocar, de modo constante, o nome e a doutrina desse pensador do Classicismo grego tardio em vários de seus versos: “Meus irmãos em amarmos Epicuro”; “Mas Epicuro melhor / Me fala, com sua cariciosa voz terrestre / tendo para os deuses uma atitude também de deus,/ Sereno e vendo a vida / À distância que está”; “E vivamos assim, / Buscando o mínimo de dor ou gozo, / Bebendo a goles os instantes frescos, / translúcidos como água...” (PESSOA [REIS], 1983, p. 37)

Apesar da invocação e exaltação de Epicuro, como modelo e patrono espiritual de sua busca do fim supremo da ataraxia, Reis não adere – semelhante as outras *personas* do Pessoa – irrestritamente aos seus

ensinamentos. E, na medida que se distancia de tais ensinamentos aproxima-se de outra forma de espiritualidade. Um bom exemplo disto são os versos que se seguem: “Lídia, a vida mais vil antes da morte,/ Que desconheço, quero”; “Temo Lídia, o destino. Nada é certo. / Em qualquer hora pode suceder-nos / o que nos tudo mude”. O poeta confessa ter sido tomado pelo temor, tanto da morte quanto do poder dos deuses sobre o destino humano, contrariando, assim, frontalmente as recomendações de uma das máximas epicuristas:

Habitua-te a pensar que a morte nada é para nós, visto que todo o mal e todo o bem encontram-se na sensibilidade: a morte é a privação da sensibilidade. (EPICURO *et al.*, 1973, p. 21)

De fato, é um engano pensar que a doutrina epicurista, ou qualquer outra, constitua para Reis uma direção unívoca.

Antípoda de Caeiro. Identificado, como parece ser também todos os demais heterônimos, com os postulados poético-sensacionistas de Pessoa, Reis dedica-se a vivenciar um sensacionismo de caráter reflexivo, tendo por fulcro o que denomina de “pensamento elevado” ou o “pensamento alto”. Neste, a emoção comparece, mas inteiramente sujeita ao controle da razão, e voltada tão somente para articulação de ideias e questões que dizem respeito aos grandes temas (que também são objetos dos embates religiosos) e inquietações do homem: a existência, os deuses, o destino, a beleza, o sentido da vida, a virtude, o tempo, a arte, a dor, a alegria, a morte, o prazer, entre outros. Isto meticulosamente engendrado por reflexões filosóficas de caráter estóico/epicurista, num português erudito e latinado.

Pierre Hourcade chama atenção para as impecáveis odes horacianas, e as qualifica como “concentração da sabedoria pagã em comprimidos” (1978, p. 131). Representante do paganismo, além de adepto do “pensamento alto”, Reis apregoa a indiferença do homem diante do poder e do arbítrio dos deuses, diante do destino inelutável e da morte como termo definitivo de toda vida. Os versos iniciais e os finais do poema “Tirem-me os deuses” expressa bem esta assertiva:

Tirem-me os deuses
 Em seu arbítrio
 Superior e urdido às escondidas
 O Amor, glória e riqueza.

[...]

O resto passa,
 E teme a morte
 Só nada teme ou sofre a visão clara
 E inútil do Universo

Essa a si basta,
 Nada deseja
 Salvo o orgulho de ver sempre claro
 Até deixar de ver

Inerme diante de tais forças, caberia ao homem conduzir sua existência de forma mais equilibrada e serena possível, “sem desassossegos grandes” e também sem grandes alegrias, pois inexoravelmente a morte o alcançará, e aí tudo perderá o sentido. No verso citado, o poeta parece remeter a Édipo que pensava ver claramente, entretanto, foi levado à cegueira do saber. Importa unicamente a experiência desapegada do momento presente e de pequenos prazeres, que não deixam traço nem saudade e, portanto, não são capazes de provocar nenhum abalo ou desvio descentrador. Os versos a seguir ilustram esta ideia:

Segue o teu destino,
 Rega tuas plantas,
 Ama as tuas rosas.
 O resto é a sombra
 De árvores alheias.

Reis assume o epicurismo triste, “colhe o dia porque és ele” ou “abdica e sê rei de ti próprio”, desconsoladamente dando conselhos (em alguns momentos aparentando pouca convicção neles), refugiando-se num ceticismo de escola. Ele próprio se definia, para Lídia, sua apaixonada virtual, um “pagão triste da decadência”.

As tensões nas odes de Ricardo Reis, inicialmente com discurso tendencialmente monológico, bem metrificado e bem comportado, talvez sejam oriundos de uma desordem interna ou conflito interior, mas tal desordem

aflorescerá num ser plural, polifônico.

Se recordo quem fui, outrem me vejo
E o passado é o presente na lembrança.
Quem fui é alguém que amo
Porém somente em sonho.
E a saudade que me aflige a mente
Não é de mim nem do passado visto,
Senão de quem habito
Por trás dos olhos cegos.
Nada, senão o instante, me conhece.
Minha mesma lembrança é nada, e sinto.
Que quem sou e quem fui
São sonhos diferentes.

A tensão interpretativa se intensifica na medida em que avança em suas lembranças, com a vivência antiga. Insurge, assim, uma dificuldade de avaliar no presente esse tempo passado. Tudo então se coloca sob o signo do sonho: o eu-presente e o eu-passado. Relega o eu real ao interstício entre esses dois sonhos: “E a saudade que me aflige a mente / Não é de mim nem do passado visto, / Senão de quem habito / Por trás dos olhos cegos.”

É com a nobre e aristocrática lucidez dos “grandes indiferentes” que se deve viver a vida, estes sabem que tudo já está irremediavelmente traçado. E, os únicos sabedores do destino que nos aguarda são os deuses, eles estão “Acima da verdade”. Transcrevemos, logo abaixo, o poema com este título:

Acima da verdade estão os deuses.
A nossa ciência é uma falhada cópia
Da certeza com que eles
Sabem que há o Universo.

Tudo é tudo, e mais alto estão os deuses,
Não pertence à ciência conhecê-los,
Mas adorar devemos
Seus vultos como às flores,

Porque visíveis à nossa alta vista,
São tão reais como reais as flores
E no seu calmo Olimpo
São outra Natureza.

O paganismo perpassa toda poesia de Reis. Os deuses se sobrepõem à idéia de verdade. Os primeiros versos parecem apontar para o conhecimento pessoal de que o pensamento técnico/empírico/racional foi

posterior, e se formou a partir do pensamento mítico/mágico/simbólico. Pessoa conhecia, como já mostramos noutra obra (Cf. SILVA, 2008), em profundidade a astrologia, e sabia que nela se ancorou todo conhecimento astronômico moderno. Por isso, a afirmação do poeta “A nossa ciência é uma falhada cópia”.

Segue-se a essas afirmativas uma imagem poética que expõe à concepção metodológica, epistemológica, a que Reis acolhe, isto é, constatação de que existem esferas do real que escapam à análise da ciência: “Não pertence à ciência conhecê-los”. As concepções científicas são frágeis, na medida em que se arvoram em definir os fenômenos religiosos. Trata-se de esferas de conhecimento distintas, ou, como prefere afirmar alguns pensadores, magistérios autônomos.

Ao falar sobre o momento em que a sociedade moderna avança tecnicamente, Paul Tillich, importante teólogo do século XX, faz uma análise que pensamos colaborar com a perspectiva do falso-arcade Ricardo Reis. Ei-la:

o deslocamento da razão revolucionária pela razão técnica foi acompanhado por mudanças abrangentes na estrutura da sociedade humana. O homem se tornou cada vez mais capaz de controlar a natureza física. Através dos instrumentos colocados à sua disposição pela razão técnica, ele criou um mecanismo mundial de produção de larga escala e de economia competitiva que começou a tomar forma de uma espécie de ‘segunda natureza’, um Frankenstein, sobre a natureza física, sujeitando o homem a si mesmo. Enquanto podia cada vez mais controlar e manipular a natureza física, o homem se tornou menos e menos capaz de controlar sua ‘segunda natureza’. Ele foi engolido por sua própria criação. (TILLICH, 1988, p. 16)

E quando discute, ainda que marginalmente, a disjunção entre cultura e religião, o teólogo faz, à semelhança da imagem poética de Reis, uma lúcida constatação:

Todos os conflitos entre religião e cultura estão baseados na identificação da religião como religião no mais estreito sentido, [i.e.], religião como um pedaço de cultura que reivindica ser mais que cultura e, portanto, irrompe o conflito com outras realidades culturais [tais como a ciência]. (TILLICH, 1988, p. 161)

Nos versos seguintes, Reis parece apontar para a constatação que o culto aos deuses é outro tipo de conhecimento, seria uma sabedoria oculta. São ensinamentos que procuram as respostas para os mais profundos enigmas da humanidade, a existência, reflexão recorrente da poética dessa *persona* pessoana. Os vultos (*metaphysis*) seriam tão visíveis, ou tão reais, como as flores e o Olimpo (*physis*). Ambas merecem devoção.

Existem esferas do real que escapam às ciências, às artes, à religião. Por isso elas não devem opor-se entre si, e sim estabelecer um diálogo de complementaridade.

Na visão do “pagão inocente da decadência”⁹ o cristianismo, – ou cristismo, termo que ele prefere – é o mal de todos os males. Isso porque o Cristianismo introduz o tempo mítico no tempo histórico, baralhando-os, com o seu Deus que é divino e humano ao mesmo tempo, e por obrigar a dimensão do sagrado a transitar pela consciência e o foro íntimo de cada indivíduo, fonte de todo subjetivismo e toda desagregação. Reis, evidentemente, não reverencia o epicurismo nem o *carpe diem* horaciano. Se Caeiro é dotado de uma falsa serenidade, Reis é um falso árcade: ele volta ao passado, mas com os olhos fixos no presente e assim faz seu diagnóstico, não negando a realidade contemporânea.

A extrema flexibilidade do ecletismo religioso e filosófico de Reis faz transparecer sua aceitação e o tratamento igualitário a todos os deuses, seitas e doutrinas, religiosas e metafísicas. Todos seriam igualmente verdadeiros. Não existe deformação dos deuses, como no seu mestre Caeiro. Os deuses são úteis, já que servem “... para conduzirmos entre os homens”. São ao mesmo tempo reais e irrealis – “São irrealis porque não são realidades, mas são reais porque são abstrações concretizadas. Uma abstração concretizada passa a ser pragmaticamente real; uma abstração não concretizada não é real mesmo pragmaticamente.” (PESSOA [REIS], 1985, p. 148).

Neste panteão particularíssimo, também o Cristo tem lugar, mas como um deus a mais, que se junta aos já existentes, sem qualquer prioridade:

9 Expressão utilizada por Fernando Pessoa (*ipse*) para caracteriar Ricardo Reis.

O deus Pã não morreu,
Cada Campo que mostra
Aos sorrisos de Apolo
Aos peitos nus de Ceres –
Cedo ou tarde vereis
Por lá aparecer
O deus Pã, o imortal.
Não matou outros deuses
O triste deus cristão.
Cristo é um deus a mais,
Talvez um que faltava.
Pã continua a dar
Os sons da sua flauta
Aos ouvidos de Ceres
Recumbente nos campos
Os deuses são os mesmos
Sempre claros e calmos,
Cheios de eternidade
E desprezo por nós,
Trazendo o dia e a noite
E as colheitas douradas
Sem ser para nos dar
O dia e a noite e o trigo
Mas por outro e divino
Propósito casual.

O nivelamento das divindades, pagãs e cristãs, é indicado não só pelos enunciados, mas implicitamente pelo uso de iniciais minúsculas em todas as referências às divindades (“deus”, “deuses”). Na segunda estrofe, percebemos não somente o aplainamento de Cristo e o cristianismo com as outras seitas e religiões, mas diminui o seu valor, na medida em que o qualifica como “triste”, certamente alusivo à sua condição de “crucificado” e à sua posição de mediador entre o divino e o humano. Adiante, no quarto verso da mesma estrofe, o “Talvez” acentua o caráter incerto e conjectural das afirmações sobre a importância e o significado do Cristo. Logo depois, na terceira estrofe a ênfase recai sobre a indiferença dos deuses quanto ao destino e às necessidades dos homens, e, assim, contrapõe-se diretamente à concepção cristã de Deus como sinônimo de bondade e compaixão.

De fato, Reis comporta-se de maneira casualística em relação aos deuses. Algumas vezes os cultua, defendendo uma visão de mundo regida por instâncias superiores e desconhecidas, às quais se subordinam o destino

humano – “Só esta liberdade nos concedem / Os deuses: submetemo-nos / Ao seu domínio por vontade nossa”. Noutros momentos, sobretudo em odes mais tardias, deixa-se tomar por um notório ceticismo, não propriamente negando os deuses, mas não mais os exaltando com a mesma firmeza inicial.

Meu gesto que destrói
A mole das formigas
Tomá-lo-ão elas por de um ser divino;
Mas eu não sou divino pra mim.
Assim talvez os deuses
Para si o não sejam,
E só de serem do que nós maiores
Tirem o serem os deuses para nós.
Seja qual for o certo,
Mesmo para com esses
Que cremos serem deuses, não sejamos
Inteiros numa fé talvez sem causa.

Embora em conjunto persistam elementos de cunho esotérico, assentimos com Maria Helena Nery Garcez (1990), em que

tudo fica posto sob o signo da dúvida. Mais do que uma decidida adesão à visão esotérica, o que existe é uma atitude de cética reserva, uma hipótese a respeito de um mundo superior ao humano, um possível mundo sobre o qual Reis não possui certezas e ao qual, por isso, não adere com firmeza. A fé não encontra suporte em nenhum fundamento. Nesta ode estamos muito longe daquela ostensiva defesa do paganismo encontrável principalmente na primeira metade do *Livro das Odes* de Ricardo Reis. Reencontramos o agnosticismo. (GARCEZ, 1990, p. 79)

A pluralidade de Ricardo Reis é a tal ponto notória e recorrente que alguns chegaram a diagnosticar – como também o fizeram em análise dos poemas de Caeiro¹⁰ – uma falta de unidade filosófica¹¹.

Finalizamos este artigo observando que, do ponto de vista do pensamento religioso, Reis, através do seu arcadismo, monta um panteão de deuses, apresentando-nos a sua faceta politeísta e epicurista. Longe da

10 Vêm à lembrança a afirmação de Jacinto Prado Coelho quanto a falta de unidade no poeta-pastor. (Cf. Coelho, 1977, p. 239)

11 Como exemplo mencionamos ABDO, Sandra Neves. *Fernando Pessoa: Poeta cético?* Tese de doutorado. São Paulo: Usp, 2002.

univocidade, esta dimensão convivia com uma postura cética e embora Fernando Pessoa o definisse simplesmente como pagão. Assim, procuramos argumentar em favor de tais aproximações, evidenciando para isso imagens poéticas, no sentido de fazer perceber a pluralidade do pensamento religioso contido na poética de Reis. À parte disso, sua epistemologia do desassossego, isto é, a compreensão de que existem esferas do conhecimento que fogem à ciência, possibilitou um acesso a caminhos labirínticos.

Referências

- ABDO, Sandra. **Fernando Pessoa: Poeta céptico?**. Tese de Doutorado apresentada a Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2002.
- BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. Trad.: José Américo Pessanha. São Paulo: Difel, 1985.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. Trad.: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BARBOSA, Frederico. **Pessoa além dos heterônimos**. *Cult* – Revista Brasileira de Literatura. São Paulo, Ano II, p. 50 – 51, janeiro de 1999.
- BERARDINELLI, Cleonice. **Fernando Pessoa: outra vez te revejo...** Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2004.
- COELHO, Antônio Pina. **Os fundamentos filosóficos da obra de Fernando Pessoa**. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.
- COELHO, Jacinto Prado. **Diversidade e unidade em Fernando Pessoa**. São Paulo: Verbo/Edusp, 1977.
- EPICURO Et al. **Antologia de textos**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- ESSOA, Fernando. **Ficções do interlúdio / 2-3: Odes de Ricardo Reis; Para além do outro Oceano de Coelho Pacheco**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. 4ª ed.
- GARCEZ, Maria Helena Nery. **O tabuleiro antigo: uma leitura do heterônimo Ricardo Reis**. São Paulo: Edusp, 1990.
- HOURCADE, Pierre. **Temas da literatura portuguesa**. Lisboa: Moraes, 1978.
- LOURENÇO, Eduardo. **Fernando Pessoa revisitado**. Porto: Inova, 1973.
- MONDIN, Batista. **Os grandes teólogos do século vinte**. Trad. José Fernandes e Luiz Antônio Miranda. São Paulo: Editora Teológica, 2003.
- NOGUEIRA, Lucila. **A lenda de Fernando Pessoa**. Recife: Associação de Estudos Portugueses João Emerenciano, 2003.
- PAZ, Octávio. **Signos em rotação**. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- PESSOA, Fernando. **Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal**. [Tradução Manuela Rocha]. São Paulo: A Girafa Editora, 2006.
- PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- PESSOA, Fernando. **Mensagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998
- PESSOA, Fernando. **Obras Poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1966.
- PESSOA, Fernando. **Poemas**. (Org. de Cleonice Berardinelli). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- PESSOA, Fernando. **Textos Filosóficos**. Org. Antônio Pina Coelho. Lisboa: Ática, 1968.
- SILVA, Anaxsuell F. **A religiosidade em Pessoa**. São Paulo: Editora Blucher, 2008.

TILLICH, Paul. **Textos Seleccionados**. São Paulo: Fonte editorial, 2007.